

PLANO DE TEXTO E RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA NO GÊNERO JORNALÍSTICO REPORTAGEM

Maria Leticia França de MOURA¹
Célia Maria de MEDEIROS²

Resumo: Compreender um gênero discursivo textual perpassa pelo reconhecimento de sua organização global, e isso significa identificar os planos de texto que o constitui. Para tanto, também é necessário descrever as instâncias enunciativas que estão na fonte do dizer, assumindo o conteúdo proposicional ou se distanciando dele. Nesse contexto, propomos, neste artigo, descrever, analisar e interpretar o plano de texto e a responsabilidade enunciativa no gênero jornalístico reportagem. O *corpus* analisado é constituído de quatro (04) reportagens jornalísticas extraídas de veículos de comunicação presentes no âmbito digital, a saber: *El País*, O Globo, Folha de S. Paulo e Estadão. A escolha das reportagens jornalísticas, selecionadas no mesmo espaço temporal, partiu do delineamento temático acerca dos cortes orçamentários na Educação. Utilizamos a Análise Textual dos discursos (ADAM, 2011; 2017; 2019) e a perspectiva enunciativa (RABATEL, 2016), dentre outros autores, para fundamentar a pesquisa. Os dados demonstram que as instâncias enunciativas, locutor enunciador primeiro e enunciadore segundos, assumem a responsabilidade enunciativa em um jogo de engajamento ou distanciamento pelo dito.

Palavras-chave: gênero jornalístico reportagem; plano de texto; responsabilidade enunciativa.

Abstract: Understanding a textual discursive genre involves recognizing its global organization, which means identify text plans that constitute it. Therefore, it is also necessary to describe the enunciative instances that are at the source of the saying, assuming propositional content or distancing from it. In this paper, we describe, analyze and interpret text plan and commitment in journalistic reporting genre. Corpus consists of four (04) journalistic reports extracted from digital communication vehicles, namely: El País, O Globo, Folha de S. Paulo and Estadão. The choice of journalistic reports, selected in the same timeframe, started from thematic outline about budget cuts in Education. We used Textual Analysis of the Discourse (ADAM, 2011; 2017; 2019) and the enunciative perspective (RABATEL, 2016), among other authors, as research support. Data demonstrate that enunciative instances, first speaker-enunciator and second enunciator assume commitment in a game of engagement or distance from the said.

Keywords: journalistic genre reportage; text plan; commitment.

Introdução

Neste artigo, propomo-nos a discutir o plano de texto e a responsabilidade enunciativa no gênero discursivo textual reportagem, que é reconhecido no domínio discursivo jornalístico como um dos gêneros mais relevantes, uma vez que permite um

¹ Bolsista PIBIC UFRN (IC) e discente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: le_ticiafranca@hotmail.com

² Doutora em Linguística Teórica e Descritiva. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: celia.ufcaico@gmail.com

trabalho de aprofundamento na temática, ressaltando diversos aspectos e perspectivas. Como define Lage (2005), a reportagem constitui a maior parte da produção jornalística moderna e, diferentemente das notícias cotidianas - que pressupõem apresentação bem mais sintética e fragmentária - esse gênero discursivo textual não é apenas uma estruturação de dados convenientemente tratados, mas a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente.

A pesquisa fundamenta-se nos postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD), em diálogo com teorias linguísticas enunciativas, com Rabatel (2016), Adam (2011; 2017; 2019) e Guentchéva (1994; 2011). Para tanto, buscamos responder às seguintes questões: (1) como se apresentam os planos de texto das reportagens?; (2) como o locutor enunciador primeiro (L1/E1) assume a responsabilidade enunciativa?; (3) quais marcas linguísticas presentes nas reportagens induzem a um quadro de mediatividade? Para responder a essas indagações, estabelecemos como objetivos descrever, analisar e interpretar o plano de texto e a responsabilidade enunciativa no gênero jornalístico reportagem.

Como metodologia de análise, orientamo-nos pela abordagem qualitativa do tipo documental, de caráter interpretativista. O *corpus* é constituído por quatro (04) reportagens jornalísticas extraídas de veículos de comunicação presentes no âmbito digital, a saber: *El País*, O Globo, Folha de S. Paulo e Estadão. Para esta análise, foram realizados recortes temáticos e temporais. Primeiramente, o tema que norteou a escolha das reportagens foi o corte orçamentário sofrido pelas Universidades Federal em 2019. Diante da relevância que esse fato apresenta, não somente para os estudantes, como também para a sociedade no geral, resolvemos identificar o posicionamento dos principais jornais online acerca do fato citado, e principalmente compreender o engajamento dos jornalistas nas reportagens analisadas.

Acerca do recorte temporal, priorizamos os materiais veiculados no período de 30 de abril a 15 de maio de 2019, período em que foram anunciados os cortes e que ocorreram as mais fervorosas discussões sobre o assunto. Quanto à escolha dos jornais, esclarecemos que esses são os que têm maior abrangência nacional e também se dedicaram a realizar uma cobertura mais aprofundada sobre a temática analisada.

Para cumprir os objetivos do trabalho, inicialmente apresentamos esta parte introdutória, seguida de discussão teórica sobre o plano de texto, a responsabilidade enunciativa e as instâncias enunciativas. Para dar conta da análise dos dados, definimos o gênero jornalístico reportagem a partir da descrição dos planos de texto de cada reportagem e, por fim, a partir de exemplos extraídos dos textos, descrevemos, analisamos e interpretamos o engajamento ou imputação do dito pelo locutor enunciador primeiro e enunciativos segundos, além das considerações finais e lista de referências.

Plano de texto

Adam (2011) postula que os planos de texto estão, com os gêneros discursivos textuais, disponíveis no sistema de conhecimento dos grupos sociais. Eles fazem, portanto, parte dos conhecimentos prévios do leitor, atuando na construção dos sentidos de um texto.

O plano de texto - ao explicitar a estrutura global do texto, a forma como os parágrafos se organizam, a ordem em que as palavras se apresentam no texto - pode fornecer os elementos necessários à compreensão e à produção, uma vez que, para a percepção/elaboração da estrutura global do texto, o leitor lança mão de seus

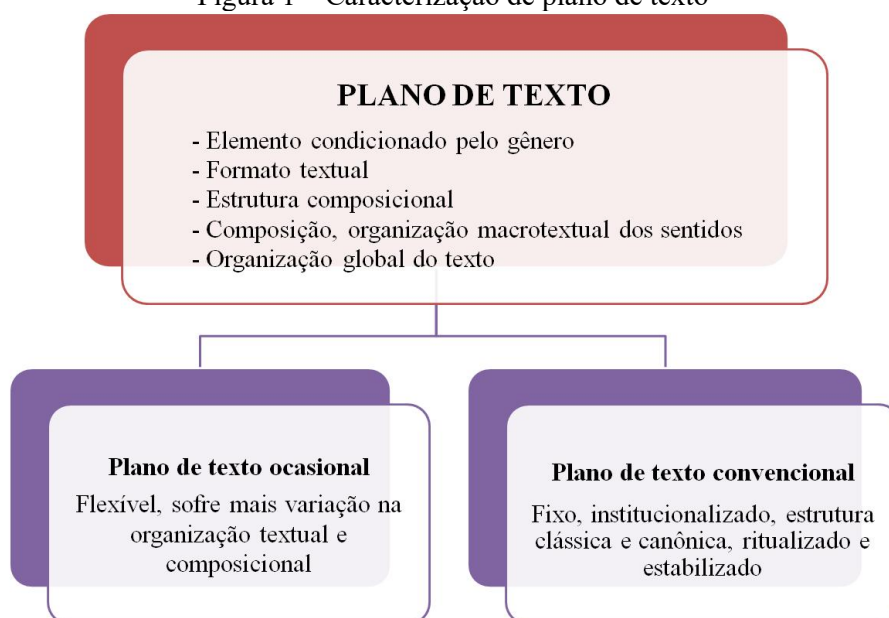
conhecimentos linguístico e textual. Com efeito, “o reconhecimento do texto como um todo passa pela percepção de um plano de texto” (ADAM, 2011, p. 254).

Passeggi *et al.* (2010, p. 297, grifo nosso), retomando Adam (2008), apresentam as definições de dois tipos de planos de texto:

Quanto **aos planos de texto fixos**, pense-se, por exemplo, na estrutura de um verbete de dicionário, de um artigo científico, das estruturas literárias cristalizadas (estruturas formais da poesia, da dramaturgia) ou, na escritura jurídica, as estruturas da série: petição>contestação>sentença. Os gêneros acadêmicos também pertencem, de forma geral, aos planos de textos fixos.

Os planos de texto ocasionais são mais abertos e flexíveis. [...] abrangem o editorial, a canção, as peças publicitárias, o discurso político, o romance. Esses planos, com frequência, fogem à estruturação clara de um gênero ou subgênero de discurso. As partes ou segmentos do texto são marcados por uma variedade de recursos, textuais e peritextuais.

Figura 1 – Caracterização de plano de texto



Fonte: elaboração própria.

Conforme definições dos planos de texto e também síntese apresentada na Figura 1, ressaltamos que, para dar conta do plano de texto, é preciso determinar as diferentes partes que constituem o texto e analisar como se delimitam na superfície textual, pois a segmentação visível de um texto manifesta-se através da tipografia, da segmentação espacial, da formatação dos parágrafos ou blocos de texto, da escolha cromática³ etc.

Responsabilidade enunciativa

A responsabilidade enunciativa (RE) é considerada uma das principais noções e categorias da análise textual dos discursos (ATD) e é, também, um dos níveis propostos por Adam (2011; 2017).

³ Diz respeito à seleção de cores, combinação de cores.

Esse dispositivo textual, que pode ser individual ou coletivo, é compreendido como a assunção por determinadas entidades ou instâncias acerca do que é enunciado, ou na atribuição de alguns enunciados a certas instâncias. Sobre a mediatividade, Guentchéva (2011) concebe como a expressão da não responsabilidade do conteúdo proposto a partir de um enunciado por um enunciador.

Dessa maneira, quando o locutor enunciador não assume a responsabilidade enunciativa, estamos diante de um quadro mediativo. Essa escolha do locutor enunciador é marcada na língua por indicadores de quadros mediadores, entre eles: marcadores como segundo, de acordo com, para; modalização por tempo verbal como o futuro do pretérito; escolha de um verbo de atribuição de fala como afirmam, parece; reformulações do tipo é, de fato, na verdade, e mesmo em todo caso; oposição de tipo alguns pensam (ou dizem) que X, nós pensamos (dizemos) que Y etc. De acordo com Guentchéva (1994; 2011), a noção de assunção da responsabilidade enunciativa se vê aplicada a fenômenos de natureza diversa e em sistemas gramaticais particulares, como o da língua búlgara. É assim que se recorre, frequentemente, a essa noção para analisar a noção de mediatividade.

Sobre a responsabilidade enunciativa, Rodrigues (2017, p. 299-300) postula que esse dispositivo enunciativo:

Organiza linguisticamente os gêneros discursivos textuais disponíveis na memória discursiva dos usuários das diferentes línguas, desde os gêneros mais simples do cotidiano [...] até os gêneros mais elaborados dos vários domínios: acadêmico, midiático, político, jurídico, religioso, entre outros.

Neste trabalho, adotamos a discussão do fenômeno da responsabilidade enunciativa em uma perspectiva enunciativa (RABATEL, 2016) voltada para a identificação das instâncias enunciativas (tópico mais adiante) e consideraremos a análise focalizada na descrição de marcas linguísticas, entre elas, as modalidades, quadros mediadores e conectores, conforme Adam (2011).

Sobre o gênero jornalístico reportagem

Para Adam (2019, p. 33), "todo texto é o traço languageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala". Nesse sentido, Adam dialoga com as concepções bakhtinianas e intenciona para seus postulados teóricos o conceito de que "toda a ação de linguagem inscreve-se, como se vê em um dado setor do espaço social, que deve ser pensado como uma formação sociodiscursiva, ou seja, como um lugar social associado a uma língua (socioleto) e a gêneros de discurso" (ADAM, 2011, p. 63).

Nesse contexto, Adam explica a distinção de categorias complementares de classificação de realizações textuais e discursivas:

Os *gêneros do discurso*, que são categorias fundadas em práticas e formações sociodiscursivas. Eu faço distinção entre gêneros do discurso *jornalístico*, gêneros do discurso *religioso*, gêneros do discurso *literário*, gêneros do discurso *filosófico*, do discurso *político*, do discurso *militar*, do discurso *publicitário*, do discurso *médico*, discurso *acadêmico*, das *instituições escolares* etc.

Os *gêneros do texto* [...] permitem distinguir, sobre bases linguísticas, os *gêneros da narração*, como a fábula, o conto, a anedota, a parábola, o *fait divers* etc. (Adam, 2011a), os *gêneros da descrição* (o retrato, a descrição de movimento, a paisagem, a lista de compras, o mobiliário ou inventário etc.),

os *gêneros da argumentação* (silogismo, alegação, ensaio, discurso político, programa eleitoral, o conjunto do epidítico e do deliberativo etc.), os *gêneros da explicação* (contos etiológicos, conjunto de textos com por que – porque), os *gêneros do diálogo* (conversa espontânea, diálogo romanesco, diálogo teatral, entrevista etc.), mas também os *gêneros de incitação à ação e de conselho*. (ADAM, 2019, p. 34, grifos do autor).

Pelo exposto, consideramos o gênero discursivo textual reportagem na proposta de definição de gêneros adotada por Adam, pois entendemos sua textualidade e discursividade em um setor do espaço social, que é o jornalístico.

Lage (2005) explica que a notícia trata de um acontecimento que contém elementos de ineditismo, atualidade e proximidade, já a reportagem trata de um assunto, determinado ou não, por um fato gerador de interesse. Além disso, a notícia não depende, em regra, das intenções dos jornalistas, ao passo que a reportagem decorre justamente da intenção e da “visão jornalística” dos fatos. É importante ressaltar que devido à ascensão das novas tecnologias e ao advento da internet, a reportagem migrou para o meio digital, ganhando novos formatos e características, por isso, esta pesquisa visa analisar reportagens extraídas do âmbito do jornalismo online.

Descrição do plano de texto do gênero jornalístico reportagem

Conforme já mencionado, o *corpus* desta pesquisa refere-se às reportagens jornalísticas veiculadas pelos jornais *El País*, O Globo, Folha de São Paulo e Estadão. A seguir, realizamos a descrição dos planos de texto das reportagens analisadas. Para conferir na íntegra cada reportagem, os links de acesso estão disponíveis na seção de referências.

Quadro 1 - Plano de texto das Reportagens

Reportagens	Estrutura Composicional (plano de texto)
<i>El País</i> “Os primeiros efeitos da asfíxia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil”	Editoria ⁴ : Política; Chapéu ⁵ : Cortes na educação; Título; Linha fina ⁶ ; Imagem; Legenda da imagem e crédito do fotógrafo; Assinatura do autor; Local, data e hora de publicação; Texto dividido em quinze parágrafos; Uso de frases em destaque;

⁴**Editoria:** “Seções especializadas da estrutura jornalística; setores de cobertura. A redação é dividida em editorias: cidade, nacional, política, economia, cultura, comportamento, mundo etc”. (Cf. MENDONÇA, 2012, p. 223).

⁵**Chapéu:** “Palavra colocada acima do título da reportagem, associada ao assunto, para reforçar o tema e atuar como estímulo de leitura”. (Cf. MENDONÇA, 2012, p. 221).

⁶**Linha fina:** “Frase ou período sem ponto final, que aparece abaixo do título e serve para completar seu sentido ou dar outras informações. Funciona como subtítulo. Usa letras menores que as do título e maiores que as do texto”. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_edicao_1.htm.

Acesso em: 1 jul. 2020.

	Uso de retranca ⁷ : “Crise nas universidades”.
O Globo “Bloqueio na Educação é o maior desde 2016”	Editoria: Sociedade; Título; Linha fina; Assinatura do autor; Data e hora de publicação; Imagem; Legenda da imagem e crédito do fotógrafo; Local de publicação; Texto dividido em doze parágrafos; Uso de gráfico; Uso de retranca: “Cortes atingem educação em todos os níveis”.
Folha de S. Paulo “Bloqueios no MEC vão do ensino infantil à pós-graduação”	Editoria: Educação; Chapéu: “Governo Bolsonaro”; Título; Linha fina; Assinatura do autor; Data, hora e local de publicação; Galeria de imagens (com quatro fotos); Legenda das imagens e crédito dos fotógrafos; Texto dividido em vinte parágrafos.
Estadão “MEC desiste de cortes em universidades por ‘bagunça’ e diz que todas sofrerão contingenciamento”	Editoria: .Edu; Título; Linha fina; Assinatura do autor; Data, hora e local de publicação; Imagem; Legenda da imagem e crédito do fotógrafo; Texto dividido em seis parágrafos.

Fonte: elaboração própria

Plano de texto: Reportagem do El País

Publicada no dia 6 de maio de 2019, em São Paulo, a reportagem do jornal *El País* está classificada na editoria ‘Política’. Com relação ao aspecto estético do texto, nota-se a presença de um cabeçalho, o qual é composto pelo chapéu (“Cortes na Educação”), cuja função no âmbito jornalístico é a de definir através de poucas palavras o assunto da matéria. Ainda no cabeçalho há o título da reportagem: “Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil”, escrito com uma fonte maior e destacado em negrito, a fim de atrair a atenção do leitor, bem como sintetizar o conteúdo textual exposto.

Logo abaixo, há a linha fina, a qual tem o objetivo de complementar a mensagem dada no título. Nesse caso, utilizou-se: “Governo bloqueou dinheiro de pesquisas e universidades para se adequar a teto de gastos. Várias instituições preveem faltar verba para água e luz e se queixam de movimento anticiência”. Em seguida, há a imagem que ilustra a reportagem, seguida pela legenda e o crédito do fotógrafo. Na sequência,

⁷ **Retranca:** “O mesmo que coordenadas. Cada uma das matérias vinculadas a uma principal, que complementam a informação. No jornalismo antigamente, as matérias eram longas; hoje, os assuntos extensos são divididos em várias coordenadas ou retrancas”. (Cf. MENDONÇA, 2012, p. 222).

observa-se a presença da assinatura da autora (Regiane Oliveira), seguida do local (São Paulo), data (6 de maio de 2019) e horário (13h21) da publicação.

A reportagem é dividida em quinze parágrafos extensos, os quais seguem a estrutura padrão da reportagem jornalística. Além disso, o jornal faz uso de destaques de partes do texto ao longo da reportagem, por meio do “olho da reportagem⁸”, com o objetivo não somente de ressaltar uma informação importante, como também de trazer fluidez e dinamicidade à leitura. Outro aspecto observado é o uso de retranca, visto que se trata de uma matéria subordinada à matéria principal com o objetivo de complementá-la. Na reportagem analisada, a retranca traz como título a frase: “Crise nas universidades”.

Plano de texto: Reportagem de O Globo

Já no jornal O Globo, a reportagem analisada foi veiculada no dia 15 de maio de 2019 e está classificada na editoria ‘Sociedade’. Semelhante aos demais jornais, nota-se a presença de um cabeçalho, o qual é composto pelo título da reportagem: “Bloqueio na Educação é o maior desde 2016”, que também recebe destaque em virtude da fonte maior; bem como pela linha fina: “Nos últimos três anos, percentual subiu de 6,4% para 31,4% dos recursos não obrigatórios, que não incluem folha de pagamento”.

Logo abaixo, há a presença da assinatura da autora (Renata Mariz), seguida pela data (15 de maio de 2019) e horário (20h00) da publicação. Na sequência, observa-se a imagem escolhida para ilustrar a reportagem, sendo essa a fachada no prédio onde está sediado o Ministério da Educação em Brasília, conforme explica a legenda acompanhada do crédito do fotógrafo (Daniel Marenco/Agência O Globo).

Partindo para o corpo do texto, o jornal O Globo opta por citar o local de publicação (Brasília) no espaço que antecede o início do primeiro parágrafo, sendo a reportagem composta por doze parágrafos. Além disso, o jornal faz uso de um gráfico, com o objetivo de reunir os dados referentes à pasta do contingenciamento sobre a verba discricionária dos anos de 2016 a 2019. Esse é um recurso visual no âmbito jornalístico, especialmente no digital, que ajuda a sintetizar as informações e contribui para a dinamicidade do texto.

A reportagem do O Globo também traz a retranca, com o título: “Cortes atingem educação em todos os níveis”, sinalizando o encaminhando da reportagem para outro aspecto do tema.

Plano de texto: Reportagem da Folha de S. Paulo

A Folha de S. Paulo traz a reportagem na editoria “Educação”, e conta com a um cabeçalho composto pelo chapéu: “Governo Bolsonaro”, pelo título: “Bloqueios no MEC vão do ensino infantil à pós-graduação”, e pela linha fina, que diz: “Ministério da Educação diz que corte de R\$ 7,3 bi é técnico e operacional”.

Na sequência, observa-se a data (5 de maio de 2019) e a hora (16h19) de publicação. Além disso, há também a assinatura do autor (Paulo Saldaña). Em seguida, antes de iniciar o texto, a Folha de S. Paulo opta por citar o local de publicação (Brasília) no espaço que antecede o primeiro parágrafo. Após isso, inicia-se a reportagem propriamente dita, a qual se divide em vinte parágrafos.

⁸ **Olho:** “É um texto curto, com linhas irregulares, que adianta um ou mais tópicos interessantes da matéria para estimular a leitura. Vem encaixado ao texto principal. Diz-se abrir um olho no texto para destacar a declaração – nesse caso, entre aspas – ou frase forte, tornando mais fácil a leitura, aerando a diagramação”. (Cf. MENDONÇA, 2012, p. 228).

Quanto à linguagem não verbal, a reportagem analisada apresenta um diferencial das demais, pois traz introduzida ao corpo do texto uma galeria de imagens contendo a sequência de quatro fotos relacionadas ao então Ministro da Educação na época, Abraham Weintraub, e estando todas acompanhadas pelas respectivas legendas e pelo crédito dos fotógrafos. O recurso é uma possibilidade presente no jornalismo digital para garantir a multimodalidade da reportagem. Além da galeria, o texto também traz uma quinta imagem, dessa vez mostrando a fachada da Universidade Federal da Bahia, que é uma das instituições de ensino citadas na reportagem. Há ainda a legenda e o crédito do fotógrafo (Euler Paixão/Folhapress).

Plano de texto: Reportagem do Estadão

No jornal Estadão, a reportagem é classificada na editoria “.Edu”, sobre a qual é possível ressaltar a referência digital em virtude do uso do ponto antecedendo a palavra, bem como a abreviação do termo ‘educação’ - características comuns do âmbito online. Logo no início da página, encontra-se em destaque o título da reportagem: “MEC desiste de cortes em universidades por ‘bagunça’ e diz que todas sofrerão contingenciamento”; seguido da linha fina: “Contingenciamento de recursos será estendido a todas as universidades federais no 2º semestre, e não só onde houver ‘balbúrdia’”. Na sequência, há a presença da assinatura da autora (Renata Agostini), acompanhada da marca do jornal (O Estado de S. Paulo), e também da data (30 de abril de 2019) e da hora (23h05) de publicação.

Antecedendo o primeiro parágrafo, há o local da publicação da reportagem (Brasília). Em seguida, inicia-se o texto, cuja divisão paragrafal constitui seis parágrafos. Além disso, constata-se a presença da linguagem não verbal através do uso de imagem ao centro do texto, mostrando a fachada do prédio onde está sediado o Ministério da Educação em Brasília. Na legenda, tem-se o seguinte: “Após declaração do ministro Abraham Weintraub, MEC recuou de cortar verbas de universidades por causa de ‘balbúrdia’”, acompanhada pelo crédito do fotógrafo (Geraldo Magela/Agência Senado).

Sobre os tipos de planos de texto, é possível observar que as reportagens descritas para este artigo apresentam planos de texto fixo (ADAM, 2011), pois é possível visualizar um padrão comum aos textos.

Instâncias enunciativas

Rabatel (2016, p. 86) evidencia que “todos os enunciadores (enquanto fontes de conteúdos proposicionais) não se equivalem [...]” e isso acontece conforme seu “grau de atualização no discurso, a natureza dos fenômenos de responsabilidade enunciativa e as reações dos interlocutores”. Nesse sentido, o autor define o que seria o enunciador primário e o enunciador segundo. Vejamos:

[...] o enunciador primário, aquele que assume a responsabilidade enunciativa dos PDV aos quais ele adere, aquele a quem se atribui um grande número de PDV, redutíveis a um PDV geral e a uma posição argumentativa global que, supõe-se, corresponde a sua posição sobre a questão. Nomearemos *principal* o enunciador em sincretismo com o locutor, porque esse último exprime o PDV em um triplo aspecto: enquanto locutor, por intermédio de seu papel na enunciação[...]; enquanto ser do mundo e, por fim, enquanto sujeito que fala, aquele a quem se pede que preste contas pelo que é dito e pela forma como é dito. (RABATEL, 2016, p. 86).

[...] os enunciadores segundos, internos ao enunciado que correspondem, no caso da narração, aos personagens e que são verdadeiros centros de perspectiva, visto que agregam em torno deles um certo número de conteúdos proposicionais que indicam o PDV do enunciador intradiscursivo sobre tal evento, tal estado, tal noção etc. (RABATEL, 2016, p. 87).

Para Rabatel (2016), o locutor, que é o aparelho físico responsável pela enunciação de um enunciado, poderá coincidir ou não com aquele que é o enunciador, que é aquele que está na fonte do enunciado, que assume a responsabilidade enunciativa pelo conteúdo proposicional do seu dizer. Quando há coincidência do locutor com o enunciador, diz-se que há sincretismo entre o locutor e o enunciador primeiro, grafando-se, L1/E1.

Rodrigues (2017, p. 302) explica que “são inúmeras as possibilidades de construção dos textos, tendo em vista um locutor poder convocar para seus enunciados a voz de enunciadores outros e até mesmo de outros locutores”. Assim, há locutores enunciadores segundos (l2/e2), locutores segundos (l2) e enunciadores segundos (e2).

No caso das reportagens, o repórter é o locutor enunciador primeiro (L1/E1), pois está na fonte do enunciado, aquele que fala e que é responsável pelo conteúdo proposicional do seu dizer. Ainda mais, o repórter tem a função de trazer à tona uma visão aprofundada sobre os fatos narrados, buscando ir além do factual.

Através da checagem aprimorada das informações e do ato de ouvir diferentes fontes (nesse caso, os enunciadores segundos – e2), o repórter traz conclusões sobre acontecimentos e apresenta à sociedade um posicionamento sobre determinada temática.

Para a análise das instâncias enunciativas presentes nos textos dos quatro (04) veículos de comunicação, elaboramos o Quadro 2 com a descrição dos locutores enunciadores primeiros e os enunciadores segundos.

Quadro 2 – Instâncias enunciativas presentes nas reportagens

Reportagens	Locutor enunciador primeiro (L1/E1)	Enunciadores segundos (e2)
<i>El País</i> “Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil”	Regiane Oliveira (Repórter)	Universidade Federal do Paraná (UFPR) A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Sandra Regina Goulart Almeida (Reitora da UFMG) Governo Federal José Alexandre Felizola Diniz Filho (Professor da Universidade Federal de Goiás - UFG) Esther Colombini, (professora do Instituto de Computação da Unicamp e diretora de Competições Científicas da Sociedade Brasileira de Computação) Abraham Weintraub (Ministro da Educação) Ministério da Educação (MEC)

		Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Mario Neto Borges (Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq) Marcos Pontes (Astronauta e Ministro da Ciência e Tecnologia)
O Globo “Bloqueio na Educação é o maior desde 2016”	Renata Mariz (Repórter)	Ministério da Educação (MEC) Abraham Weintraub (Ministro da Educação) O governo Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Folha de S. Paulo “Bloqueios no MEC vão do ensino infantil à pós-graduação”	Paulo Saldaña (Repórter)	Ministério da Educação (MEC) Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento do Governo (Siop) O governo Abraham Weintraub (Ministro da Educação) Cesar Callegari (Ex-secretário de Educação Básica do MEC) As instituições A gestão Bolsonaro Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)
Estadão “MEC desiste de cortes em universidades por ‘bagunça’ e diz que todas sofrerão contingenciamento”	Renata Agostini (Repórter)	Ministério da Educação (MEC) Abraham Weintraub (Ministro da Educação) Jornal Estado de S. Paulo (Estadão) Arnaldo Barbosa de Lima Junior (Secretário de Educação Superior)

Fonte: elaboração própria.

Dos veículos de comunicação analisados, todas trazem, em suas reportagens, as assinaturas dos repórteres: *El País* (Regiane Oliveira), O Globo (Renata Mariz), Folha de S. Paulo (Paulo Saldaña) e Estadão (Renata Agostini), sendo os repórteres, nos casos analisados, os chamados locutores enunciadores primeiros (L1/E1). Além disso, verificamos também a manifestação dos enunciadores segundos (e2), quando, em algumas passagens dos textos, os repórteres (L1/E1) se afastam do dito e imputam a outros enunciadores (e2) a responsabilidade enunciativa do conteúdo proposicional.

Sobre assumir ou não assumir a responsabilidade enunciativa, é possível verificar que algumas marcas linguísticas nas reportagens contribuem para a manifestação opinativa dos repórteres. Na análise, esses elementos foram separados em dois grandes grupos, conforme especificam os Quadros 3 e 4. O primeiro refere-se às marcas linguísticas do L1/E1, as quais foram subdivididas em categorias acerca do grau de responsabilidade enunciativa (ADAM, 2011). O segundo grande grupo é formado pelas marcas linguísticas do e2, identificadas nesta análise pelos verbos “*dicendi*”, pelos

indicadores de um quadro de mediatividade e pelas aspas. Após os quadros, partimos para a exemplificação com alguns excertos retirados dos jornais analisados.

Quadro 3 - Marcas de enunciação do L1/E1

Categorias	<i>El País</i>	O Globo	Folha de S. Paulo	Estadão
Dêiticos temporais	Quando em 29 de março; na quinta-feira, 2 de maio; sempre; desta vez; ainda	2016; em 2018; em 2017; nesta terça-feira; em 2019; já em 2017; no ano de 2016; ao longo do ano; neste ano; em maio; quando	na semana passada; após; ao longo do ano; no período de dez anos; atualmente	agora; após; desde a semana passada; ontem
Modalidades téticas (asserção e negação)	não estava claro; chegaram a quebrar essa lógica	não são; não obtive	não conseguirem; não sejam; sem detalhar	-
Conectores	Mas; no entanto	Porque; como; mas; se	mas; além dos; também; como; caso; também; tanto... quanto; também	mas; porém; e; por isso; também
Adjetivos	Práticos, bonança	Maior; próprio; elevado; novos	novo; suspensos; bloqueados; congelados; autorizados; maior; suspensas	planejado; negativa; inadequadas; claras
Advérbios	Especialmente	Pelo menos; apenas; tão; mais; ainda	ainda; especialmente; pouco	especificamente; mais; ainda

Fonte: elaboração própria.

Quadro 4 – Marcas de enunciação dos e2

Categoria	Exemplos
verbos “dicendi”	afirmar; informar; divulgar; defender; dizer; anunciar; apontar; manifestar; publicar; sentir; argumentar; determinar; definir; temer; confirmar
Indicadores de quadro de mediatividade	de acordo com; conforme; segundo
Aspas	as aspas foram utilizadas 17 vezes ao longo das reportagens, marcando as citações diretas

Fonte: elaboração própria.

Marcas de enunciação do L1/E1

[1] Os anos de **bonança** econômica, **especialmente** no segundo Governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e primeiro Governo de Dilma Rousseff, **chegaram a quebrar essa lógica**. (Reportagem - *El País* – destaque nosso)

No excerto [1], identificado no jornal *El País*, é possível constatar a presença de algumas marcas linguísticas que demonstram o engajamento do L1/E1 com o conteúdo proposicional. A primeira trata-se do lexema avaliativo “bonança”, demonstrando que a repórter traz para o enunciado a sua opinião quanto à situação econômica nos anos referenciados. Na sequência, temos a presença do advérbio “especialmente”, e essa escolha lexical parte da vontade do L1/E1 de restringir o contexto analisado a determinados governos, o que modaliza o dito. Além disso, ao final do excerto, também se percebe o engajamento da repórter por meio do enunciado “chegaram a quebrar essa lógica”, o que revela sua análise sobre o conteúdo proposicional.

[2] Os dados exibidos pelo ministro da Educação cobriram **apenas** o período de 2016 a 2019. A pasta foi procurada para explicar o motivo de um bloqueio **tão** elevado em 2019 em relação aos anos anteriores mostrados, **mas** não obteve retorno. (Reportagem - O Globo - destaque nosso)

Já no excerto [2], extraído do jornal O Globo, as marcas linguísticas que evidenciam o engajamento do L1/E1 no conteúdo proposicional foram as seguintes: primeiramente, o uso do termo “apenas”, que se trata de um advérbio de intensidade cuja presença no texto contribui para identificar que o L1/E1 julga que os dados exibidos pelo Ministro da Educação envolveram uma pequena mostra temporal. Ainda no mesmo exemplo, percebemos o uso de outro advérbio de intensidade, “tão”, que remete à ideia de algo numeroso. Dessa forma, a voz do L1/E1 é evidenciada levando à compreensão de que a repórter identificou como excessivo o bloqueio financeiro realizado nas instituições de ensino. Por fim, o uso do conector “mas” traz à tona a perspectiva da contra-argumentação, demonstrando o engajamento do L1/E1 ao fazer uma quebra de expectativas ao trazer a público que o Ministério da Educação não respondeu às indagações do repórter para a construção da reportagem.

[3] **Mas** na rubrica de bolsas, **tanto** para o ensino superior **quanto** relacionada à educação básica, o corte é um **pouco maior**: 23% dos R\$ 3,4 bilhões reservados para essa finalidade foram congelados. (Reportagem – Folha de S. Paulo - destaque nosso)

Inicialmente, o excerto [3], do jornal Folha de S. Paulo, já faz uso do conector “mas”, que marca no conteúdo proposicional uma ideia de contra-argumentação. Nesse caso, fica claro que o repórter (L1/E1) faz um contraponto com algo que foi enunciado anteriormente, demonstrando, dessa forma, seu engajamento. Na sequência, novos conectores são utilizados, dessa vez, o “tanto, quanto”, cuja função no texto é a de demonstrar que a situação narrada é identificada em dois contextos diferentes, isto é, ensino superior e educação básica. Essas marcas linguísticas, nesse caso, indicam que L1/E1 não está realizando uma análise somente de um cenário, mas de todos que foram atingidos pelos cortes. Além disso, a expressão “pouco maior”, composta

respectivamente por um advérbio de intensidade e um adjetivo, representa um lexema avaliativo, visto que exprime, na opinião do autor, que o percentual citado é superior ao esperado.

[4] O ministério avaliou, **porém**, que a decisão poderia ser questionada na Justiça e, **por isso**, decidiu recuar. O plano é aplicar **agora** o contingenciamento de cerca de 30% para todas as universidades do País até que a pasta publique regras **mais claras** para a definição de cortes. (Reportagem – Estadão)

Na análise [4], do jornal Estadão, verificamos a presença de conectores, como “porém”, que indica contra-argumentação; “e”, que traz a ideia de adição; e “por isso”, que, no caso analisado, remete a uma consequência daquilo que foi dito ou feito, estabelecendo uma relação semântica com um acontecimento anterior. Esses conectores, além de darem sentido ao conteúdo proposicional, contribuem para marcar a voz do L1/E1. Com o uso do “porém”, L1/E1 consegue demonstrar que a avaliação realizada pelo ministério só ocorreu em virtude de fatos anteriores. Já o uso do “e” acompanhado do “por isso” foi uma maneira que o L1/E1 encontrou de apresentar que a atividade do ministério de recuar quanto à justificativa inicial para os cortes foi uma consequência dos questionamentos que poderiam ser advindos da Justiça. Além disso, o uso do “agora”, que é um dêitico temporal, trata-se de uma estratégia utilizada pelo repórter de situar o leitor no tempo e no espaço. Por fim, a expressão “mais claras”, cujos termos representam respectivamente um advérbio de intensidade e um adjetivo, demonstra o engajamento do L1/E1 por se tratar de um lexema avaliativo.

Marcas de enunciação dos e2

Nas reportagens analisadas, observamos enunciados que revelam o distanciamento do locutor enunciator primeiro. Isso ocorre quando o repórter pretende, por exemplo, trazer um argumento de autoridade aos fatos narrados, a fim de garantir embasamento à construção argumentativa.

No caso das reportagens dos quatro jornais, foram encontrados trechos que revelaram a voz dos enunciadores segundos. Seguem alguns excertos com destaques de marcas linguísticas que revelam o não engajamento do repórter, pois não é a fonte do conteúdo proposicional, visto que é imputado a um outro enunciator, o e2:

[5] A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) [...] **apontou** ainda o bloqueio de recursos para investimentos que impede o desenvolvimento de obras e compra de equipamentos para laboratórios e hospitais. (Reportagem – *El País*)

[6] A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) também **se manifestou**: “Não há eficiência administrativa que supere um corte de tamanho monte, principalmente diante das sucessivas restrições orçamentárias dos últimos anos”, **afirmou** a reitora Sandra Regina Goulart Almeida, em comunicado. (Reportagem – *El País*)

[7] “Terminei meu doutorado e vim para Federal de Goiás, em 1994. Sempre foi difícil. Nunca tivemos muitos recursos”, **afirma** o professor José Alexandre Felizola Diniz Filho, da Universidade Federal de Goiás (UFG) [...] (Reportagem – *El País*)

[8] Em entrevista ao jornal O Estado de S.Paulo, o ministro da Educação, Abraham Weintraub, **chegou a afirmar** que os corte de recursos da ordem de 30% nas universidades federais afetariam instituições com desempenho acadêmico fora do esperado, e estivessem promovendo “balbúrdia”. (Reportagem – *El País*)

[9] "O maior objetivo é gerar profissionais capacitados e preparados para a realidade do país", **argumentou** a pasta, em nota. (Reportagem – *El País*)

[10] Em 2018, essa taxa foi de 8,5%, em 2017 ficou em 16,8% e em 2016 atingiu 6,4%, **de acordo** com dados do próprio MEC [...]. (Reportagem – O Globo)

[11] Weintraub foi às redes sociais para **defender**, fazendo contas em uma lousa, que o bloqueio em universidades federais é de cerca de 3,5% do total. (Reportagem – O Globo)

[12] A instituição [*Capex*] **anunciou** que desbloquearia parte delas [*bolsas*], estimando em 3,5 mil o número de benefícios que continuarão contingenciados. (Reportagem – O Globo)

[13] O MEC provisionou R\$ 5,7 bilhões em cortes, **segundo** dados obtidos no Siop (Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento do Governo). (Reportagem – Folha de S. Paulo)

[14] Na semana passada, o governo **definiu** um novo bloqueio, de R\$ 1,6 bilhão. (Reportagem – Folha de S. Paulo)

[15] **De acordo com** Cesar Callegari, ex-secretário de Educação Básica do MEC, os cortes indicam a postura do governo com relação à educação. “É coerente com a falta de qualquer projeto na área educacional. O governo dá indicações de que, para ele, basta um ministro da Educação que seja vetor da guerra ideológica”, **diz**. (Reportagem – Folha de S. Paulo)

[16] **Conforme** mostrou reportagem do Estado, as universidades onde houve corte de verbas tiveram melhora em um ranking internacional. (Reportagem – Estadão)

[17] **Por meio de nota**, o MEC **informou** que “o critério utilizado para o bloqueio de dotação orçamentária foi operacional, técnico e isonômico [...] (Reportagem – Estadão)

O que há em comum na maioria dos excertos acima mencionados é a presença dos chamados verbos “*dicendi*”, como foi demonstrado no Quadro 4. Eles têm a função de remeter ao discurso direto ou indireto de outra pessoa. No caso das reportagens, esse mecanismo foi utilizado pelo repórter (L1/E1) e, assim, ele se afasta do conteúdo proposicional e imputa a outra voz (e2), que pode ser uma pessoa, uma instituição, um documento, a responsabilidade enunciativa pelo dito.

Conforme mostrado no Quadro 4, os verbos utilizados pelos jornais, que remetem à fala, foram afirmar; informar; divulgar; defender; anunciar; apontar; manifestar; publicar; sentir; argumentar; determinar; definir; temer; confirmar, sendo os dois primeiros – afirmar e informar – os de maior incidência nas reportagens. A função desses verbos é deixar claro que o conteúdo proposicional exposto se refere a outras fontes do dizer.

Sobre a temática da qual foram extraídas as reportagens, é possível perceber que os enunciadores segundos que aparecem com mais incidência são: o Governo, citado

cinco vezes; o Ministro da Educação, Abraham Weintraub, citado quatro (04) vezes; o Ministério da Educação (MEC), citado quatro (04) vezes e as Universidades Federais, citadas quatro (04) vezes. Isso demonstra que os jornais, ainda que utilizem de diferentes formas de apuração, tendem a procurar fontes oficiais para coletar informações para a construção das reportagens. Em se tratando da temática dos cortes na educação, foi unânime a preferência por essas instâncias citadas, ainda que o direcionamento dado pelos veículos de comunicação seja contrário ao contingenciamento, como é possível concluir através dos excertos apresentados.

Em alguns casos, a referência a enunciadores segundos representa a tentativa do L1/E1 de se aparar em um chamado ‘argumento de autoridade’ como um mecanismo de sua própria argumentação. Isso pode ser visualizado, por exemplo, pelo uso de quadros mediadores, entre eles, de acordo com, conforme e segundo. Essa é uma estratégia bastante utilizada no âmbito jornalístico, visto que comprova que as informações foram checadas e torna público as fontes das quais foram extraídos os dados apresentados.

Além disso, o uso das aspas, identificadas dezessete (17) vezes nas reportagens dos quatro jornais, também é uma maneira de inserir o discurso de outra fonte no corpo do texto. Com a utilização desse sinal de pontuação, é possível identificar os conteúdos proporcionais que foram citados por outros enunciadores e que estão transcritos de maneira direta nas reportagens.

Todos esses exemplos, que trazem à tona a presença de enunciadores segundos (e2), estão classificados no fenômeno chamado de mediatividade, sobre o qual Guentchéva (2011) explica se tratar da expressão da não responsabilidade do conteúdo proposto a partir de um enunciado por um enunciador. Dessa maneira, quando o locutor enunciador não assume a responsabilidade enunciativa, ocorre um quadro mediativo.

Considerações finais

Neste artigo discutimos como o plano de texto e a responsabilidade enunciativa, enquanto dispositivos enunciativos, são marcados no gênero discursivo textual reportagem. Para tanto, descrevemos as instâncias enunciativas presentes nos textos, constituídos por quatro reportagens de jornais online (*EL País*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estadão*), e pudemos analisar o engajamento do locutor enunciador primeiro (L1/E1), nesse caso o repórter que assina a matéria, bem como a imputação do dito aos enunciadores segundos (e2), gerando, dessa maneira, um quadro de mediatividade.

A reportagem, ainda que não seja um gênero de caráter opinativo, traz muitas marcas que evidenciam a presença do locutor enunciador primeiro, isto é, o repórter. A impessoalidade jornalística, embora seja um aspecto idealizado pela sociedade, não se apresenta de forma majoritária, e isso foi demonstrado pela presença de enunciadores segundos nos textos analisados, que sinalizam o afastamento dos repórteres pelo dito, mas também o comprometimento pelas fontes utilizadas no percurso da argumentação.

Compreendemos que um locutor enunciador primeiro assume a responsabilidade enunciativa quando assume o conteúdo proposicional de um enunciado. No caso das reportagens, o repórter/produtor do texto, L1/E1, utiliza-se de marcas linguísticas confirmando o engajamento pelo dito ou coenunciando com outros enunciadores que legitimam a visada argumentativa, como bem ilustrado nos exemplos analisados.

Referências

ADAM, J-M. **A Linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez, 2011.

- _____. O que é Linguística Textual? *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações**. Homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017. p. 23-57.
- _____. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante *et al.* São Paulo: Contexto, 2019.
- AGOSTINI, R. MEC desiste de cortes em universidades por ‘bagunça’ e diz que todas sofrerão contingenciamento. **Estadão**. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-desiste-de-bloqueio-a-verbas-em-universidades-por-bagunca,70002811148>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CABRAL, A. L. T. O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita. **Linha d’Água**, n. 26 (2), p. 241-259, 2013.
- GUENTCHÉVA, Z. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. **Langue Française**, Paris, v. 102, n. 1, 1994, p. 8-23. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1994_num_102_1_5711. Acesso em: 18 dez. 2019.
- _____. L’opération de prise en charge et la notion de médiativité. *In*: DENDALE, Patrick; COLTIER, Danielle (Dir.). **La prise en charge énonciative: études théoriques e empiriques**. Bruxelles: De Boeck/ Duculot, 2011, p. 117-142.
- LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MARIZ, R. Bloqueio na Educação é o maior desde 2016. **O Globo**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bloqueio-na-educacao-o-maior-desde-2016-23668620>. Acesso em: 20 maio 2019.
- MENDONÇA, J. T. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- OLIVEIRA, R. Os primeiros efeitos da asfixia financeira de Bolsonaro sobre as ciências do Brasil. **El País**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bloqueio-na-educacao-o-maior-desde-2016-23668620>. Acesso em: 20 maio 2019.
- PASSEGGI, L. *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. *In*: BENTES, A. C. & LEITE, M. Q. (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 262-312.
- RABATEL, A. **Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa – pontos de vista e lógica da narração - teoria e análise**. Tradução Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016. v.1
- RODRIGUES, M. G. S. Linguística textual e responsabilidade enunciativa. *In*: CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo; LINS, Maria da Penha Pereira; ELIAS, Vanda Maria. (orgs.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 299-316.
- SALDAÑA, P. Bloqueios no MEC vão do ensino infantil à pós-graduação. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bloqueios-no-mec-vao-do-ensino-infantil-a-pos-graduacao.shtml>. Acesso em: 20 maio 2019.

Submetido em: 22 de março de 2020

Aprovado em: 28 de junho de 2020